

Interpretando as especificidades das cadeias produtivas de hortaliças. Uma metodologia comparada aplicada aos casos do tomate indústria e do tomate mesa



OBJETIVOS DE
DESENVOLVIMENTO
SUSTENTÁVEL

2 FOME ZERO
E AGRICULTURA
SUSTENTÁVEL



***Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
Embrapa Hortaliças
Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento***

DOCUMENTOS 171

**Interpretando as especificidades das cadeias
produtivas de hortaliças. Uma metodologia
comparada aplicada aos casos do tomate
indústria e do tomate mesa**

Maria Thereza Macedo Pedroso

Embrapa Hortaliças
Brasília, DF
2019

Exemplares desta publicação podem ser adquiridos na

Embrapa Hortaliças

Rodovia BR-060, trecho Brasília-Anápolis, km 9
Caixa Postal 218
Brasília-DF
CEP 70.275-970
Fone: (61) 3385.9000
Fax: (61) 3556.5744
www.embrapa.br/fale-conosco/sac
www.embrapa.br

Comitê Local de Publicações
da Embrapa Hortaliças

Presidente
Henrique Martins Gianvecchio Carvalho

Editora Técnica
Flávia M. V. T. Clemente

Secretária
Clidíneia Inez do Nascimento

Membros
Geovani Bernardo Amaro
Lucimeire Pilon
Raphael Augusto de Castro e Melo
Carlos Alberto Lopes
Marçal Henrique Amici Jorge
Alexandre Augusto de Moraes
Giovani Olegário da Silva
Francisco Herbeth Costa dos Santos
Caroline Jácome Costa
Iriani Rodrigues Maldonade
Francisco Vilela Resende
Italo Moraes Rocha Guedes

Supervisor Editorial
George James

Normalização Bibliográfica
Antonia Veras de Souza

Tratamento de ilustrações
André L. Garcia

Projeto gráfico da coleção
Carlos Eduardo Felice Barbeiro

Editoração eletrônica
André L. Garcia

Fotos da capa
Alice Quezado
Carlos Eduardo Diniz

Todos os direitos reservados.

A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte,
constitui violação dos direitos autorais (Lei nº 9.610).

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Nome da unidade catalogadora

Pedroso, Maria Thereza Macedo.

Interpretando as especificidades das cadeias produtivas de hortaliças. Uma metodologia comparada aplicada aos casos do tomate indústria e do tomate mesa / Maria Thereza Macedo Pedroso. - Brasília, DF: Embrapa Hortaliças, 2019.

18 p. ; 16 cm x 22 cm. (Documentos / Embrapa Hortaliças, ISSN 1415-2312; 171).

1. Tomate. 2. Cadeia produtiva. I. Título. II. Embrapa Hortaliças. III. Série.

CDD 635.462

Autora

Maria Thereza Macedo Pedroso

Engenheira agrônoma, doutora em Ciências Sociais,
pesquisadora da Embrapa Hortaliças, Brasília, DF

Apresentação

O documento apresenta algumas facetas da metodologia comparada em ciências sociais e faz um exercício de comparação entre as especificidades das cadeias produtivas de tomate para a indústria de processamento e de tomate de mesa. Ressalta-se que essas duas cadeias têm sido objeto de pesquisa do projeto intitulado “Análise das cadeias produtivas de tomate mesa e de tomate indústria no DF e Entorno – implicações para a pesquisa agrônômica e as estratégias institucionais”, cuja autora do presente documento é reponsável pelo seu desenvolvimento. A autora optou por evitar um vocabulário exageradamente técnico e típico das Ciências Sociais justamente para que o debate sobre estudos de cadeia produtivas seja facilitado e ampliado.

Warley Marcos Nascimento

Sumário

Introdução.....	11
Sobre metodologia comparada	12
Aspectos analisados.....	13
Principais aspectos das duas cadeias produtivas.....	15
Interpretando comparativamente as duas cadeias produtivas.....	16
Considerações finais	17
Referências	17

Introdução

Cadeias produtivas de hortaliças ou de outros ramos produtivos da agropecuária são inúmeras e crescentes e, como seria naturalmente esperado, estão em constante mudanças. São transformações que têm sido intensificadas, em especial, nas últimas duas décadas quando esta parte da economia se expandiu notavelmente. Cada uma dessas cadeias apresenta um rol de particularidades, em função de diversos aspectos específicos.

Impõe-se, em consequência, conhecer e analisar os condicionantes econômicos e sociais (além daqueles propriamente agrônômicos e tecnológicos) das cadeias produtivas de hortaliças para propor interpretações sobre os processos, as facetas e os mecanismos mais decisivos que estão condicionando a inovação tecnológica “da porteira para dentro”. Ou seja, é fundamental analisá-las em suas especificidades para compreender o conjunto de explicações sobre as implicações relacionadas com os processos de adoção de tecnologias. E, assim, aportar conhecimentos que contribuam para o fortalecimento das ações de planejamento de pesquisa, assim como proporcionar informações relevantes para o aperfeiçoamento das ações governamentais nesta área.

Portanto, pergunta-se: qual seria a metodologia mais adequada para interpretar as cadeias produtivas de hortaliças?

As pesquisas que utilizam metodologia comparativa¹ têm colaborado, cada vez mais, para a realização de estudos empíricos e, conseqüentemente, facilitado a interpretação de fenômenos sociais e econômicos. O presente trabalho argumenta que a metodologia comparada também pode ser utilizada para interpretar cadeias produtivas de hortaliças.

Dessa forma, o documento em questão apresenta uma argumentação sobre metodologia comparada em ciências sociais e uma comparação entre as cadeias produtivas de tomate para a indústria de processamento e de tomate para a mesa.

¹ Vale destacar que na tese de doutorado da autora foi utilizada essa metodologia.

Sobre metodologia comparada

É preciso extrema cautela no processo de formação do conhecimento sobre os processos sociais. O cientista social precisa estar ciente, claramente, de que qualquer compreensão que estabeleça em sua investigação é, de fato, primeiramente uma “pré-compreensão”, já existente e nem sempre consciente. Ao desenvolver comparações, o contraste emerge e auxilia efetivamente na ampliação das possibilidades explicativas das realidades sociais sob lentes que sejam as menos distorcidas possíveis. Assim, compara-se para reduzir o erro de interpretação e diminuir tanto quanto possível as distorções da análise (Taylor, 2000).

“Pensar sem comparar é impensável”. A análise comparativa é valiosa porque “(...) nos permite ver melhor a implícita e frequentemente aceita base de nossas práticas e fenômenos (...) a comparação permite, portanto, revelar e desafiar nossas menos evidentes pressuposições e conceitos sobre o mundo, especialmente aqueles mais familiares a nós mesmos” (Azarian, 2011, p. 117).

Sem a comparação um dos mais extraordinários cientistas sociais de todos os tempos, o alemão Max Weber, não teria condições de propor aquele caminho metodológico – e, menos ainda, quase nenhuma de suas contribuições clássicas. As análises comparadas sob a ótica weberiana viabilizaram produzir um conhecimento das regularidades universais sobre o comportamento humano. No sentido de que é o método capaz de fornecer ferramentas para habilitar um inventário de acordo com uma trajetória histórica no qual possibilita a distinção do que é *comum* e do que é único (Weber, 1967).

Os objetivos de pesquisas comparativas não são “explicar tudo”, mas tentar interpretar fatos específicos sobre temas e tópicos, pois são capazes de potencializar a compreensão de um contexto para estudar mais especificamente as relações causais específicas de um determinado fenômeno, sem nunca desdenhar as trajetórias históricas, à luz conceitual do papel dos assim chamados tipos ideais, originalmente propostos por Weber no início do século passado (Bendix, 1998).

Mas a comparação também pode colaborar para a interpretação de determinado fenômeno social, político ou econômico em termos de *variáveis*, facilitando o delineamento de um desenho de pesquisa comparativa, a partir do qual as similaridades e as diferenças possam ser identificadas por meio da comparação realizada. O conhecimento do padrão de distinções extraído do cotejo entre essas variáveis viabiliza a compreensão, a explicação e a interpretação de diversos resultados (Ragin, 1994).

O que se conclui é que a metodologia comparada é capaz de fornecer o “estranhamento” daquilo que nos é conhecido - o “estranhar” é no sentido de “olhar com outras lentes” por meio da comparação, um certo distanciamento analítico que permite a avaliação mais rigorosa e com maiores chances de acerto. É no exercício de comparação que emergem as similaridades e as diferenças e possibilitam inferir algumas explicações ao fenômeno estudado, produzindo o conhecimento novo no que tange o objeto de estudo, por meio do método científico, evitando o “senso comum”.

Por tudo isso é possível afirmar que a metodologia comparada é quase experimental, ainda que seja utilizada pelas Ciências Sociais, e pode ser útil para evidenciar as especificidades de cada cadeia produtiva.

Aspectos analisados

Inúmeros aspectos podem ser analisados para fins de comparação. No entanto, como se deseja estudar as cadeias produtivas em suas especificidades para compreender o conjunto de explicações sobre as implicações relacionadas com os processos de adoção de tecnologias, definiu-se por três aspectos: distribuição geográfica da produção, rigidez quanto aos contratos (formais e informais) e hierarquia decisória sobre a inovação.

A cadeia produtiva pode ser mais localizada ou mais dispersa. A cadeia produtiva mais localizada é aquela na qual há concentração em uma determinada região. Contrariamente, a cadeia produtiva mais dispersa é aquela que se espalha por muitas regiões. Uma cadeia concentrada, em princípio, facilitará seu aperfeiçoamento tecnológico e governança interna.

Pode-se afirmar que uma cadeia essencialmente rígida significará a existência de poucos agentes econômicos, os quais dominam a estruturação da cadeia produtiva – e, portanto, essas firmas dominam também a distribuição da riqueza gerada e, quase sempre, também o “modelo tecnológico” predominante. Como os produtores, em função desse quadro, terão pequena autonomia decisória, adotarão o que for imposto por essas firmas dominantes. Ou adotam ou estarão praticamente fora do mercado correspondente. Se tentarem manter-se como produtores independentes, encontrarão imensas dificuldades para comercializar seus produtos.

Em oposição, uma cadeia essencialmente frouxa não apresenta dominação tão forte ou significativa de um agente econômico (ou de poucos agentes econômicos) – normalmente isso ocorre porque não se produz (ainda) um montante de riqueza significativo, capaz de atrair agentes econômicos de maior envergadura. A cadeia, nesse caso, seria constituída por certo número de pequenas e médias firmas, incapazes de exercer aquele domínio tão decisivo. Dessa forma, não há elos econômicos muito rígidos. Portanto, não há (ainda) a conseqüente dominação de poucas firmas e a formação de oligopsônios ou mesmo monopósônios. Quando essas situações concretas ocorrem, os produtores rurais mantêm maior espaço decisório para organizar seus estabelecimentos e, em especial, seus modelos tecnológicos.

Curiosamente, na vida real existem situações muito diferenciadas entre si, pois tanto cadeias rígidas como “frouxas”, em certos contextos específicos, vêm facilitando o aperfeiçoamento tecnológico e até mesmo o igual aprimoramento da governança que mantêm tais cadeias. O fato indica, em conseqüência, que outros fatores específicos mantêm determinação explicativa relevante. Por esta razão, a pesquisa empírica e a coleta rigorosa de dados de campo se tornam cruciais para o entendimento sobre a cadeia em estudo.

Por fim, como os processos de inovação, nas cadeias produtivas alimentares, decorrem, sobretudo, das interações econômicas e financeiras que paulatinamente passam a dominar as escolhas e decisões tecnológicas dos produtores, é possível afirmar que há uma “hierarquia” decisória sobre a inovação e, particularmente, sobre a distribuição da riqueza gerada. De forma geral, as firmas privadas, crescentemente, tem apresentado maior poder do que o conhecimento anteriormente acumulado pelos produtores.

Por tudo isso, é preciso identificar como está configurada a hierarquia econômica para identificar qual é o agente econômico que tem mais influência nos contornos tecnológicos. Como regra geral, à medida que se expande a magnitude da riqueza produzida em uma cadeia específica, existe uma tendência a desenvolver sua rigidez e à redução do número de agentes econômicos dominantes, chegando ao monopólio, o que seria uma tendência geral de sistemas econômicos capitalistas que experimentam processos históricos de expansão.

Principais aspectos das duas cadeias produtivas²

A produção de tomate para a indústria de processamento está bastante concentrada em poucas Unidades da Federação. Já a cadeia produtiva do tomate mesa se distribui mais amplamente, do ponto de vista geográfico.

De uma forma geral, o produtor de tomate indústria somente inicia o plantio após firmar contrato formal com a empresa processadora de tomate. Os contratos incluem diversos mecanismos de intermediação entre as indústrias de insumos, os viveiros de mudas e as empresas prestadoras de serviços e os produtores. Além disso, a indústria de processamento oferece todo o pacote tecnológico por meio da assistência técnica e do financiamento da produção, quando “adianta” os insumos, as mudas e os serviços. Sob tais arranjos, há alguma redução de riscos para os produtores.

Verifica-se que parte considerável dos produtores de tomate mesa, assim como quase todos os produtores de hortaliças, têm recebido assistência técnica de agrônomos ligados às indústrias de insumos. Inclusive é comum que os vendedores ou os promotores recomendem a cultivar “da vez”, que promete maior produtividade e maior resistência às doenças ou até mesmo o “pacote tecnológico da vez” (cultivar, inseticida, fungicida, etc.). No momento da comercialização do tomate, o produtor muitas vezes vende sua produção para o intermediário e esse para a empresa atacadista. Como é um produto perecível, acaba, muitas vezes, aceitando o preço oferecido pelo intermediário. No longo prazo é uma cultura que apresenta rentabilidade

² As informações aqui apresentadas conformam uma síntese reduzida dos resultados do projeto de pesquisa citado na introdução.

superior aos investimentos. No entanto, no curto prazo, a chance de o produtor obter resultado negativo é muito elevada, em função das oscilações na oferta do tomate e, conseqüentemente, no preço.

Interpretando comparativamente as duas cadeias produtivas

O produtor de tomate indústria somente inicia o seu plantio após estabelecer contrato com a indústria de processamento. Portanto, tem maior segurança em relação aos seus ganhos finais, quando comparado com os produtores de tomate mesa. Já o produtor de tomate mesa planta sem qualquer garantia e ainda fica sujeito à flutuação de preço e, assim, seus riscos são incomparavelmente maiores.

A indústria de processamento tem apresentado grande poder decisório sobre a configuração dos contornos tecnológicos na cadeia produtiva de tomate indústria. Como os produtores, em função desse quadro, têm pequena autonomia decisória, são forçados a adotar o que é decidido pelas indústrias de processamento. Portanto, a “hierarquia” decisória sobre a inovação e a adoção de tecnologias, na cadeia produtiva do tomate indústria, é da indústria de alimentos para os produtores poderiam desejar optar por isso ou aquilo, mas são cada vez mais sujeitos às imposições das indústrias de processamento. A indústria de processamento é quem oferece os contornos tecnológicos da produção.

O caso do produtor de tomate mesa é diferente. Prevalece variabilidade produtiva e tecnológica, provavelmente segundo as diferentes regiões produtoras. As indústrias de insumos (cujos representantes de seus produtos são as revendas de produtos) surgem como os agentes econômicos com forte poder no que se refere às tecnologias utilizadas.

Portanto, comparativamente, verifica-se que a cadeia produtiva de tomate indústria é rígida, enquanto a cadeia produtiva de tomate mesa é frouxa. Por fim, de acordo com o aspecto distribuição geográfica da produção, é possível afirmar que, comparativamente, a cadeia de tomate indústria é localizada e a de tomate mesa é dispersa.

Considerações finais

Na comparação aqui apresentada, o que se verifica é que, apesar dessas duas cadeias produtivas serem de produtos da mesma espécie vegetal (o tomate) e, portanto, passíveis de serem atacadas pelos mesmos grupos de pragas e doenças, apresentam, no entanto, diferentes características em termos econômicos. Portanto, recomenda-se que os desafios tecnológicos para a produção de tomate sejam contextualizados de acordo com as especificidades de cada cadeia produtiva, em especial no que tange às forças econômicas que moldam os contornos tecnológicos.

Referências

- AZARIAN, R. Potentials and limitations of comparative methods in Social Sciences. **International Journal of Humanities and Social Sciences** v. 1, n. 4, Apr. p. 113-125, 2011.
- BENDIX, J. Comparison in the work of Reinhard Bendix. **Sociological Theory**, v. 16, n. 3, p. 298-312, 1998.
- RAGIN, C. **Constructing social research**. Thousand Oaks: Pine Forge Press, 1994. Part I: "Elements of Social Research", p. 5-76.
- TAYLOR, C. Coração, história, verdade. In: TAYLOR, C. **Argumentos filosóficos**. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

